

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 10

A REVOLUÇÃO FRANCESA E A PENÍNSULA IBÉRICA



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1988

NOTA DE ABERTURA

Durante o colóquio internacional, realizado em Coimbra em Março de 1987. «A Revolução Francesa e a Península Ibérica», cujas comunicações aqui publicamos, na continuação das que já vieram à luz na Revista Portuguesa de História, um jornal de Lisboa comentava: «Mas, no fundo, talvez não seja tanto a investigação histórica o que faz mover esta plêiade de especialistas. Tal como no debate sobre o Estado Novo e o recentemente terminado sobre a Inquisição, parece pretender-se uma visão unilateral dos acontecimentos, denegrindo os valores em que assenta a nossa história. O Salazarismo e a Igreja estarão em julgamento neste colóquio que ‘diz aprofundar cientificamente a revolução de 1789’».

O testemunho deste periódico — que, estranhamente, mas de forma significativa, parecia querer ligar as intenções manifestas de estudar a Revolução Francesa a um desejo inconfessado de crítica aos valores tradicionais e estes ao Salazarismo e à Igreja — é bem demonstrativo das preocupações ideológicas de quem aprecia a História e os certames científicos que sobre ela se realizam. Na realidade, é tão revelador da força do processo (complexo) de relações entre História e Ideologia como o eram, não só as diatribes da «historiografia oficial» no consulado salazarista contra a Revolução Francesa e o movimento liberal ou, ao invés, a irrupção do movimento tradutório da sua «historiografia vermelha» nos anos anteriores e imediatamente posteriores a 1974, mas também o longo e sintomático silêncio que em regra se verificou no ensino universitário relativamente à «grande Revolução» durante o «Estado Novo».

O primeiro director e fundador do Instituto de História e Teoria das Ideias, o Professor Silva Dias, foi um dos investigadores que quebrou esse prolongado mutismo com os semi-

nários de Cultura Portuguesa em que se promoveu a investigação sistemática do liberalismo e da contra-revolução, aí por meados da época de 60, e um dos mais jovens professores do Instituto de História Económica e Social, João Lourenço Roque, foi quem em 1970 reiniciou o ensino da Revolução Francesa, que não fazia parte dos programas das cadeiras de História Moderna e Contemporânea desde 1927, significativamente um ano após a «Revolução Nacional». Por isso estes Institutos estiveram vivamente interessados na realização deste colóquio, em cooperação com o Departamento de História da Faculdade de Ciências da Informática da Universidade Complutense de Madrid e o Professor Alberto Gil Novales.

Com esta afirmação não pretendemos assumir um desiderato essencialmente ideológico de ciência, ainda que não proclamemos a ideia utópica, e por vezes contraditoriamente cheia de intenções ideológicas, da «ciência neutra». O que desejamos afirmar é que, embora a realização deste colóquio tivesse sido essencialmente um «acto científico», ela implica condições político-sociais próprias. Não o afirmar seria um gesto não científico.

O aprofundamento da análise do processo complexo de relações entre a Revolução Francesa e a Península Ibérica foi, pois, o principal objectivo, do mesmo modo que o foi o do colóquio sobre idêntica temática realizado em Madrid, em Março de 1986, cujas comunicações foram publicadas na Revista de Estudios Sociales. Julgamos que, com este tríptico, o leitor interessado poderá conhecer melhor esta realidade histórica, tão interessante e com tão profundo significado para a história da França, da Península e de grande parte dos restantes países da Europa e do Mundo.

Estamos perante um colóquio efectuado no âmbito das comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa. A presença do Prof. Michel Vovelle, Presidente da Comissão Internacional de História da Revolução, cuja conferência de abertura foi já publicada na Revista Portuguesa de História, é bem reveladora dessa integração. Mas «comemoração» não quer dizer «comemoracionismo». A finalidade deste colóquio, já o dissemos, não foi difundir uma ideologia, qualquer que fosse a sua expressão, mas promover uma análise científica. Oxalá o tenhamos conseguido.

Luis Reis Torgal
Vitor Neto